

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

# HISTÓRIA

### REPRESENTAÇÃO POLÍTICA EM PLENA DITADURA: UM ESTUDO SOBRE AS “COLUNAS DO CASTELLO”

<sup>1</sup> Kamile Neira dos Santos (UNIRIO); <sup>1</sup> Lúcia Grinberg (orientador).

1- Departamento de História, Escola de História, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: UNIRIO

Palavras-chave: Jornal do Brasil; Coluna do Castello; MDB.

#### INTRODUÇÃO

Carlos Castello Branco foi um jornalista de grande prestígio e notoriedade. Formado em Direito pela Universidade de Minas Gerais, passou a trabalhar como repórter político a partir de 1949. Entretanto, durante o breve governo de Jânio Quadros, afastou-se do ofício para se tornar secretário de imprensa mas, com a renúncia do presidente, Castello Branco retornou ao jornalismo em 1962, escrevendo colunas diárias no Jornal do Brasil. Em suas crônicas jornalísticas, Castello relata o que se passava no dia-dia do campo político, isto é, ao lermos suas análises dia a dia - com suas expectativas e dúvidas - vemos o cenário político naquela época de outro foco, deixando de lado - não completamente - os grandes eventos, que seriam os marcos da ditadura, como o AI-5 em 1968 por exemplo. Em 1965, com o segundo Ato Institucional, instaurou-se o bipartidarismo, nascendo assim dois novos partidos: a ARENA, que era do Governo, e o MDB, que fazia oposição ao Governo. Em minha pesquisa, estudo o ponto de vista de Castello Branco sobre a atuação do Movimento Democrático Brasileiro.

#### OBJETIVO

Através de suas notícias diárias, busco entender a trajetória, os rumos, as dissidências, as cisões, os conflitos, os ressentimentos, as (in)compatibilidades, as limitações, as motivações, as resignações e as desistências do MDB no espectro do dia-dia. Foi muito questionada sua legitimidade como oposição, tanto pela população de sua época, como de intelectuais de outrora e contemporâneos, sendo designado como “pseudopartido” à “semi-oposição”. Entretanto, Lúcia Grinberg diz “que ao se alterar o foco de análise e ao compreender os partidos como grupos constituídos por indivíduos socializados em organizações políticas anteriores, abre-se uma nova perspectiva de estudo”. Portanto, embora houvesse limitações e cerceamentos do regime ditatorial à Oposição, os políticos que compunham o MDB eram os mesmos que faziam parte dos partidos extintos, e conseguiram (de uma certa forma) atuar no cenário político brasileiro, pela existência de brechas liberais no sistema partidário - qualificado, por Maria D’Alva Kindo, como um sistema híbrido. Como fontes primárias, essas colunas são ricas em conteúdo, fornecendo grande alento à pesquisa, onde busco mostrar a atuação do MDB em frente aos limites impostos pela ditadura, através da perspectiva do jornalista Carlos Castello Branco, até o ano de 1967.

#### METODOLOGIA

Nessa pesquisa fiz um levantamento de fontes primárias, como já ditas anteriormente, entre os anos de 1965 e 1967, através da leitura das crônicas diárias escritas por Carlos Castello Branco no Jornal do Brasil. A cada leitura feita, além de entender o contexto geral que se passava a cada dia, realizei fichamentos de passagens relativas ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), extraindo a visão que Castello possuía sobre a atuação do partido de Oposição durante a o início da ditadura civil-militar.

#### RESULTADOS

É notório o recorrente uso das antigas siglas partidárias (sendo as principais o PSD, PTB e UDN) nas colunas, onde os políticos divididos nas novas organizações se identificavam ainda com os partidos extintos arbitrariamente, como afirma Castello Branco em uma de suas colunas, no dia sete de janeiro de 1966: “[...] não importa o nome, basta a origem da candidatura para assegurar a vitória.”. Isso justificaria a bandeira emedebistas pela eleições diretas para Presidência da República e Governos estaduais pois, com isso, a Oposição arregimentaria maiores vitórias eleitorais, como aponta Castello: “Não há dúvidas para o MDB de que candidatos oposicionistas venceriam quantos pleitos populares se convocassem, sendo, portanto, compreensível, dada a natureza do poder político dominante, que o Governo fuja às eleições diretas para fugir a tantas derrotas.” (23/01/1966) O MDB não era um partido unânime em suas demandas. É necessário ver o partido como um grupo de indivíduos em que cada um tem seu próprio modo de pensar e agir. Constituir-se como partido de Oposição ao Governo foi um processo árduo que, junto com as diferentes “bandeiras” partidárias (trabalhistas, pessedistas e etc.), com a maioria dos oposicionistas terem perdido seu mandato político com a enxurrada de cassações e os limites impostos pelo Governo, junto ao medo instalado na maioria dos políticos de perder seu mandato, além da ocorrência de casos em que muitos que foram para o MDB foi por não haver espaço na ARENA.

Se vê, portanto, que o MDB sofreu enormes dificuldades para sua constituição como partido, sendo vista inúmeras vezes, nas colunas de Castello, a ideia de autoextinção por desânimo e/ou pela quase impossibilidade de atuação. Na visão de Castello, a dissolução do MDB na prática não parecia ser provável, “pois os interesses dos próprios políticos que o compõem, no âmbito nacional como no regional, é o da sobrevivência, sejam quais forem os sacrifícios que devam sofrer”. (14/06/1966) O objetivo geral do partido era a redemocratização do País, com a volta dos civis no cenário político. Uma das formas de luta foi a abstenção e obstrução - como nos trabalhos legislativos e no projeto constitucional por exemplo -, mesmo não tendo unanimidade nessas formas de resistência dentro do partido. Além disso, como forma de se

### 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

prevenir contra os ataques do Governo, Castello aponta que foi distribuído às seções regionais emedebistas “cópias da Lei nº 4 898 - Lei de Responsabilidade -, que regula o direito de representação e o processo de responsabilidade administrativa nos casos de abuso de autoridade”.(03/09/1966)

Em sua coluna do dia quinze de novembro de 1966, Castello nos diz que o “MDB poderá, conforme o desenrolar dos acontecimentos, transformar-se na realidade inarredável e única possível da Oposição, cuja força remanescente seria constringida a sobreviver nesse mesmo barco repudiado por tantos mas que, bem ou mal, vai acomodando os grupos resistentes e habituando-os a uma ação comum”, mostrando assim as diferentes correntes partidárias que faziam parte de uma organização com diversos problemas em seu seio. É interessante notar suas críticas feitas ao MDB devido a sua inabilidade de atuar como partido de Oposição e de atrair a população para as eleições. Castello nos diz em uma de suas colunas, por exemplo, que o maior adversário do MDB nas eleições foram os votos em branco e nulos, que se “caracterizou por manifestação irritadida da arte gráfica ou do pendor escatológico do eleitorado, em protesto que se dirigia substancialmente ao Govêrno mas que envolvia, também, uma atitude altamente negativa em relação aos oposicionistas.”(20/11/1966) Outro fator que causou diversas implicações no rumo do MDB foi a Frente Ampla, construída por Carlos Lacerda, que gerou atritos devido à posição que cada emedebista tomou, seja se unindo, sendo contra essa união ou afirmando ser a Frente Ampla a oposição ao regime enquanto que o MDB era a oposição ao Governo.

#### CONCLUSÃO

Vê-se então através da visão do renomado jornalista que, entre seu nascimento ao ano de 1967, o MDB pouco pode fazer frente à um Governo “revolucionário” que o limitava em demasia, não conseguindo se constituir perante o público como uma Oposição autêntica. Restou ao MDB realizar uma oposição moderada - mesmo com motivações reformistas e redemocratizantes -, ficando assim, à margem da vida política. Além disso, Castello aponta ser o MDB uma organização heterogênea, onde tinha uma “certa unidade nos princípios e nos métodos”. Há os inconformados em busca de mudanças como os resignados perante à “realidade” e até os que se simpatizavam com a ditadura. “No MDB, se há os que efetivamente querem alterar o sistema imposto pelo Governo revolucionário, haverá em maior número os que prefeririam mudar, mas de posição, descolando-se do espaço estreito da oposição consentida para o mais amplo da convivência admitida.”(18/06/1967).

#### REFERÊNCIAS

- GRINBERG, Lucia. Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional. Rio de Janeiro: MAUAD, 2009
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011
- REIS, Elisa Pereira. Sobre a cidadania. Processos e escolhas: estudos de sociologia política. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998
- KINZO, Maria d'Alva G. Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB (1966-1979). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1998
- DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. O beijo de Lamourette. Rio de Janeiro, Companhia das letras, 1990.
- OFFERLÉ, Michel. A nacionalização da cidadania cívica. In: CAÑEDO, Leticia Bicalho(org).O sufrágio universal e a invenção democrática. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 343-362.
- LAMOUNIER, Bolivar. WEFFORT, Francisco C. BENEVIDES, Maria Victoria(organizadores). Representação política: a importância de certos formalismos. Direito, cidadania e participação. São Paulo : T. A. Queiroz, 1981.
- BERSTEIN, Serge. Os partidos. Por uma história política. René Remond(org). Rio de Janeiro, UFRJ: 1996
- GOMES, Angela de Castro Gomes. Política: história, ciência, cultura etc.. Estudos Históricos. 1996, vol.9, n.17, p.59-84.